



Revisão histórica das metodologias de pesquisa sobre juventudes: da Paidéia à netnografia¹.

Rodrigo Correia Alves GOMES²
Valdirene Cássia da SILVA³

Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, TO

RESUMO

Abordar as pesquisas sobre juventudes é, antes de tudo, estabelecer o momento histórico do surgimento dessa categoria e compreender a transformação do conceito a partir das diferentes abordagens provenientes das mais diversas áreas das Ciências Sociais Aplicadas. A metodologia utilizada foi de ordem qualitativa, fazendo uso de revisão bibliográfica sobre o tema. Neste trabalho, o recorte temporal começa na antiguidade clássica, berço do pensamento filosófico sobre a juventude, e vai até as pesquisas contemporâneas sobre as manifestações juvenis incorporadas ao contexto das tecnologias da informação e da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; metodologia; pesquisa, netnografia.

Metodologias aplicadas ao estudo da condição juvenil ao longo da história

A trajetória das pesquisas sobre a condição juvenil, do ponto de vista das Ciências Sociais e Humanas, é, antes de tudo, uma revisão de diversos momentos históricos. Para Levi e Schmitt (1996), se existe um tema recorrente nos trabalhos de antropologia, de sociologia, de psicologia ou de demografia, este tema é a juventude. Para os autores, “[...] temos a ambição de pôr em evidência a especificidade da juventude, sem contentar-nos em concebê-la como uma idade igual às outras”. Em suma, desde a própria concepção da idéia de uma fase da vida até a noção atual a respeito das manifestações juvenis, a tarefa atual parece ser exatamente esta: compreender o que faz da juventude uma classificação diferenciada.

Esta revisão dos momentos históricos nos leva a entender que “[...] em nenhum lugar, em nenhum momento da história a juventude pode ser definida por critérios

¹ Este artigo é parte do resultado da pesquisa realizada no Programa de Iniciação Científica do CEULP/ULBRA – PROICT, no período de 2010 a 2011. A partir dos diálogos e confrontos acadêmicos e da leitura das obras de autores que refletem sobre as questões que envolvem as juventudes, o trabalho oportunizou recuperar determinados conceitos e angulações sobre as temporalidades juvenis e as metodologias utilizadas no pesquisar juventudes e apresenta novas possibilidades metodológicas. O artigo recupera aspectos da pesquisa que teve a orientação da Prof^a. MSc. Valdirene Cássia da Silva.

² Jornalista. Membro voluntário do Programa de Iniciação Científica do CEULP/ULBRA – PROICT.
Email: rodrigocorreia02@gmail.com

³ Mestre em Educação pela UFBA, Graduada em Comunicação Social. Docente do Curso de Comunicação Social do CEULP/ ULBRA/TO. Email: valdirene.silva0@gmail.com



exclusivamente biológicos ou jurídicos” (LEVI e SCHMITT, 1996, p.14. *grifo nosso*). Temos então de compreender que o trabalho de escrever uma revisão histórica do conceito de juventude implica a adoção de uma multiplicidade de perspectivas. É necessário compreender que o conceito de juventude se separa da condição juvenil e, mais ainda do ente, ou ser jovem.

Na verdade, este uso de “juventude” unívoco que, muitas vezes aparece em diferentes discursos, é muito mais um esforço conceitual do que uma propriedade real. Sendo assim podemos dizer que existe o **ser jovem** (caracterizado pela condição biológico-temporal), mas que também existe o ideal de juventude ou o **conceito de juventude** (enquanto as expectativas sociais transpostas em normas de comportamento e aprendizagem), e a **condição juvenil** enquanto especificidades e características de comportamento, próprias do jovem, que podem ou não corresponder às duas dimensões anteriores.

Como exemplos, temos os textos sobre a juventude que apareceram quando a própria noção de uma condição juvenil ainda não existia. Na antiguidade clássica, a idéia da infância se colocava como opositora à maturidade, e o “jovem” era simplesmente a do ser em transição. Para os gregos, a preocupação residia em compreender a condição juvenil partindo dessa transição. Então, mesmo que falemos, teoricamente, de uma juventude, esta classificação em nada se parecia com as atuais definições do termo.

Os esforços deste trabalho são os que caminham na intenção de compreender a condição juvenil, e, mais ainda as maneiras pelas quais esta foi estudada e descrita, durante sua trajetória de objeto de estudo e análise nas ciências sociais. Sendo assim, mesmo compreendendo que as dimensões de juventude abarcam muito mais do que sua condição, fixamos nela nosso ponto de observação. Quando fala sobre as correntes teóricas que estudam a condição juvenil, Cordeiro (2009) expõe que

Os autores que se detiveram em problematizar a juventude como produção social concentram-se em dois eixos de análise: a juventude como um conjunto que se materializa em determinada fase da vida, a corrente geracional, e a juventude como produto das desigualdades de classe social, a corrente classista. Na primeira, a juventude seria encarada como momento de passagem de fase heterônoma [...] para a fase autônoma [...]. Na segunda, discutem-se as desigualdades sociais como elemento fundamental para pensar a juventude e a reprodução social e cultural. Assim, a transição dos jovens para a vida adulta é marcada pela divisão de classe, gênero, raça, trabalho. (p.44)



Essa divisão dualística embasa as conceituações teórico-metodológicas que se seguem (e repetem-se) durante toda a história dos estudos sobre juventudes. Elas não se anulam, mas procuram responder aos questionamentos sobre a condição juvenil, a partir de uma mudança de enfoque. Enquanto a corrente geracional propõe uma abordagem ligada a condição “corporal-temporal”, a corrente classista propõe uma ligação relativa a condição “corporal-social”. Metodologicamente, na corrente geracional, os fatores cronológicos detêm a preponderância da explicação. Na corrente classista, os fatores sociológicos é que têm a prerrogativa. Partindo desses pressupostos, propomos uma avaliação das conceituações da condição juvenil na história. Os termos juventude e jovem, quando presentes em nosso texto, servem como suporte para o discurso sobre a condição juvenil.

Breve cronologia dos estudos sobre juventude: Metodologias cruzadas

A configuração das metodologias científicas sobre os estudos em juventudes tem lugar no século XX, mas o conceito de juventude é anterior. Segundo Schnapp (1996, p.20), a própria noção de juventude como a “coluna vertebral” de uma sociedade nasce para corresponder a uma expectativa social ligada às capacidades do corpo juvenil e de suas potencialidades. Aproveitar essas potencialidades seria o objetivo grego, conhecido como paidéia. O autor expõe o conceito grego da paidéia como parte da cultura helênica. Segundo Schnapp (1996, p.20), “a paidéia não busca somente adaptar o cidadão à cidade. Ela deve contribuir para revelar qualidades humanas presentes em estado virtual em todos os futuros cidadãos”. Segundo Jaeger (1997, p.4), paidéia é um termo que não encontra uma tradução adequada para o português. Por isso, é utilizado para representar educação: esta não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade. A juventude foi compreendida como algo divino que deveria ser conduzido e cuidado para se formar cidadãos exemplares,

A conceituação da juventude esteve intimamente ligada, em sua origem clássica, com a necessidade de descobrir as potencialidades desta e transformá-la em um arquétipo social previamente estabelecido. Essa gênese do pensamento sobre a condição juvenil perdura até a Idade Média, quando a educação, fundamentalmente religiosa, estabelecia a juventude como algo passível de condução e correção. Comenius (1670, p.72) defendia que só a educação formal transformaria o indivíduo em “ser humano”: ser homem implica comportar-se como homem, ter sido formado nas coisas que fazem o homem. O jovem seria então algo a “ser transformado”. Surge aí a classificação que dominou durante muito tempo os estudos sobre a juventude: a de que esta tratava de um



período de formação, de construção e, portanto, de passagem. Este é o fundamento que permitiu as análises obtidas a partir dos estudos sobre a condição juvenil, segundo a corrente geracional. Na Grécia antiga, assim como na Idade Média, os mais velhos analisavam os mais jovens, compreendendo neles a condição juvenil como imaturidade e potencialidade, período de transição e, principalmente, de formatação. Se a condição juvenil era vista desta forma, então o jovem era compreendido, segundo Pais (1990), como um ser-problema.

Até este ponto, a corrente geracional consegue explicar os fenômenos da condição juvenil sem demasiados sobressaltos. No século XIX, um fenômeno social de proporções globais interferiu no modelo de sociedade de forma tão abrupta que a condição juvenil - e de fato não só ela como todas as conceituações humanísticas - sofreu uma de suas mais intensas transformações. A Revolução Industrial mudou significativamente toda e qualquer conceituação já existente sobre a condição juvenil. Para as pesquisas sobre a condição juvenil esse fenômeno é a razão histórica dos discursos sobre juventudes, agora com duas concepções de juventude: uma que a enxerga enquanto possível força de trabalho e outra que vê essa condição como instável e perigosa (SAVAGE, 2009, p.30). Em ambas as concepções, a juventude era vista como um período de fluxo, o que caracteriza as pesquisas iniciais sobre a condição juvenil.

Enquanto cresciam os problemas sociais desencadeados pelas transformações urbanas, decorrentes do processo industrial, como o aumento da pobreza e da violência, crescia também o interesse, principalmente midiático, pelos jovens delinquentes. Para Savage (2009, p.57), na virada do século XIX para o século XX, a delinquência juvenil havia chamado a atenção do mundo como um grave problema social e estampava as capas de jornais em grandes centros urbanos, como Londres e Nova Iorque⁴. As pesquisas tinham como questão: o que fazer com os jovens? Essa pergunta se tornou o fio-condutor das abordagens psicológicas sobre a condição juvenil e, também, fundamentou as diversas medidas que vieram em seguida no curso histórico como maneiras de moldar a juventude.

Se, no fim do século XIX, a juventude despontava como ‘condição-problema’ em função dos fenômenos de delinquência, na primeira década do século XX, os

⁴ Surge nesta época o termo hooligan que segundo Savage (2009, p.60) tem origem no ano de 1899 a partir das experiências de Clarence Rook, um pesquisador que investigava as razões para o comportamento agressivo de jovens irlandeses. Para Geoffrey Pearson (1983) existem diversas origens para o termo, desde a corruptela do vocábulo inglês hoodlum (arruaceiro) até a adaptação do nome de um vigarista – Mr. Edward Hooley – que frequentava as manchetes na época.



estudiosos das questões sociais procuravam razões para os comportamentos juvenis. Por essa razão alguns estudiosos, entre eles Hall (1925), demonstram um entusiasmo até então novo em se pesquisar a condição juvenil. Esse mesmo pesquisador é o responsável pelo significativo avanço nas pesquisas sobre juventude. O próprio termo “adolescente” surge a partir de uma proposta sua. Ele propunha a criação de nada menos que uma nova, mas já reconhecida, fase da vida.

Para o autor, a característica que levava os jovens a não e adequarem ao comportamento que a sociedade moderna exigia passava por este período de transição agora nomeado adolescência. Essa classificação, principalmente em função da estrita faixa de idade que o pesquisador impunha a condição juvenil ajudou a fundamentar a condição juvenil enquanto condição cronológica. O termo *teen* ou *teenager* (a idade entre os 12 e os 19 anos). Em inglês os números 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 terminam em *teen* (*thirteen, fourteen, fifteenth, sixteen, seventeen, eighteen, nineteen*) designação que passou a representar a condição juvenil surge a partir destas concepções. As representações midiáticas e as implicações mercadológicas dessa classificação para descrever a condição juvenil são marcas evidentes da repercussão e da ressonância destes estudos sobre juventudes. Segundo Savage (2007, p.497), o conceito *teenager* surge a partir das pesquisas de Stanley Hall (1925), pesquisador britânico, que buscou a conceituação da juventude ainda no fim do Século XIX. Essas conceituações são mais “evidências” das abordagens metodológicas fundamentadas na corrente geracional.

Outro grande fenômeno social global muda novamente o panorama das concepções sobre a condição juvenil. A Segunda Guerra Mundial, que teve como palco principal a Europa, trouxe além das implicações bélicas, uma nova configuração social extrema. O período conhecido como Pós-Guerra, a partir da década de 1950, é o pano de fundo para o surgimento de comportamentos juvenis que em nada têm a ver com a postura entronizada pela corrente geracional. Foi no campo sociológico que surgiu a contraposição: a abordagem da corrente classista. Segundo Hobsbawm (1995)

A partir dos anos 1950 e por toda a segunda metade do século XX ocorreu uma profunda mudança nas relações familiares (por meio do expressivo número de divórcios) e na atitude feminina (redução do número de filhos, diminuição dos casamentos formais) [...] uma profunda ampliação da cultura juvenil, indicativo das mudanças intergeracionais. (HOBSBAWM apud CORDEIRO, 2009, p.47-48).

As mudanças intergeracionais, propostas pelo autor, dão o caráter do que acontecia com as preposições geracionais. Elas não conseguiam mais explicar a



velocidade com que mudavam os comportamentos juvenis, não mais obedientes à uma ordenada passagem de ensinamentos entre as gerações. Pelo contrário, o comportamento juvenil assume caráter contestador e libertário, rompendo com o paradigma do ser que “precisa ser guiado”. Pais (1993) aponta que um dos principais fatores para a mudança no comportamento juvenil tem ordem econômica. Para ele,

[...] vários fatores influenciaram esse processo de produção de modelizações sobre o que significa ser jovem: o crescimento populacional no século XX, especialmente a partir dos anos 1940; o crescimento econômico do pós-guerra; a expansão e a retração da classe média; o desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação; a segmentação do espaço urbano (PAIS, 1993, p.23)

Passa-se de um cenário onde a conceituação da condição juvenil se encontrava no pertencimento temporal para uma apropriação deste mesmo conceito a partir da alocação do jovem em uma classe econômica, e com propriedade, a classe média. É o jovem de classe média que passa a representar, para a corrente classista, a justa-posição do ideal de objeto de estudo. Sendo assim, assume-se nos estudos relativos à condição juvenil, uma abordagem teórico-metodológica, que privilegia a concepção de análise do fenômeno da juventude, a partir de uma busca pelas razões de classe social, e em um sentido pós-industrial, classe econômica. Isto, segundo Cordeiro (2009), gera um processo em que

O estabelecimento de imagens sociais sobre a juventude conduz à construção de uma visão seletiva e negativa do jovem e da criança (os pobres), pelo afastamento em relação aos padrões preestabelecidos na era moderna – desde a sociologia do desvio. Por exemplo, com a criação do primeiro Código de Menores, em 1927, o jovem dos segmentos populares era percebido como potencialmente delinqüente. Foi assim também que nos anos 1950 as imagens sobre os jovens, de modo bastante essencialista, passaram a destacá-los do ponto de vista de sua integração ou marginalidade ao sistema, ou como radicalismo e alienação. (CORDEIRO, 2009, p.47).

Assim desprende-se de uma orientação dividida em ‘blocos de idade’ para apegar-se em uma colocação ligada a forma de relação econômica e, principalmente, à forma de consumo. Sobre as evidências que se colocam sobre essa mudança no enfoque que a abordagem classista trouxe Cordeiro (2009) escreve que

Não é à toa que o filme Juventude transviada tornou-se o ícone da juventude nos anos 1950. Focalizando o jovem como expressão da rebeldia e personificação do conflito intergeracional produzido pelo capital. O “rebelde sem causa” traduz nas telas as marcas de um modo de ser jovem, como o uso do jeans, rapidamente absorvido pelos mercados de consumo. É assim que progressivamente os jovens são capturados pelos padrões de consumo e, ao mesmo tempo, elaboram,



nos gestos, no vestuário, no vocabulário, nos gostos musicais, diferenciações que denunciam as multiplicidades de juventudes, para além de um modelo definido, disputando espaço de significação para as suas percepções (CORDEIROS, 2009, p.48-49).

As correntes teóricas que trabalham o conceito da condição juvenil iniciam uma discussão sobre o próprio modelo social dos costumes, principalmente o consumo, o que viria a ser fruto dos estudos culturais durante este mesmo período do Pós-Guerra. Correspondendo a visão de que os comportamentos juvenis podem ser traduzidos em produtos consumíveis (como os jeans, os filmes, as músicas e outras produções). Cordeiro (2009) estabelece que

O mercado da indústria cultural rapidamente apreendeu a potencialidade deste tempo. As manifestações de consumo multiplicaram-se: discos, filmes, produções televisivas, roupas, painéis, revistas criados respectivamente pelas indústrias fonográfica, cinematográfica, televisiva, da moda e editorial. Não havia mais limites para criar a juventude como espelho de consumo. No contexto do capitalismo, explica que a globalização materializa, culturalmente, a colonização das maneiras de ser, estar, agir, pensar e sentir, transformando tudo em mercadorias. O consumo fabrica a produção de subjetividades, processo em que os desejos se tornam demandas e atos socialmente regulados, e a juventude, independentemente da classe social, passa a experimentar uma lógica cultural sustentada numa sociedade de imagens, direcionada para o consumo. Assim, “livre” para consumir e desejar, mas aprisionado pelo sistema capitalístico, modela-se a etiqueta do consumidor, ávido pela satisfação, pela banalização do prazer, ou pela pobreza da experiência. (CORDEIRO, 2009, p.49-50).

Essas passam a ser as definições metodológicas que encabeçam algumas discussões sobre as juventudes: o jovem passa a ser não mais o ‘potencial cidadão’ mas sim o ‘potencial consumidor’ e, por mais que as conceituações passem a compreender a pluralidade, a indústria projeta e produz apenas para aqueles que podem consumir. As abordagens das pesquisas sobre a condição juvenil exploram estas “formas de participação ampliada do espaço urbano por diferentes grupos juvenis [que] abrem novas brechas, novas possibilidades, que favorecem a sonoridade do jovem na urbe” (CORDEIRO, 2009, p.52).

As duas correntes - a geracional e a classista - obedecem a modelos de análise, que têm como principal característica ‘agrupar’ os jovens em arquétipos, seja do cidadão de seu tempo, seja do consumidor de sua classe. Mesmo que esses modelos chamem os alheios a seu tempo de rebeldes e os alheios à cultura do consumo de marginalizados. Os estudos são conduzidos por escolhas metodológicas dentro das esferas mostradas pelos autores. Para nós, as duas abordagens compreendem uma gama



de interpretações ricas e notadamente válidas como propostas metodológicas, porém, em ambas, há pontos de fuga que encaramos como momentos em que fragilidades nos modelos propostos se revelam.

Além da perspectiva geracional e da perspectiva classista, é preciso entender que não há apenas uma juventude, mas várias, que vivem a condição de ser jovem não somente do ponto de vista biológico [portanto não ligado a gerações], mas também de caráter simbólico, aliado ao debate em torno da desregulação do tempo social [portanto não ligado a culturas próprias da modernidade, como o consumo] (CORDEIRO, 2009, p.57). Uma nova possibilidade de análise deve compreender estes momentos históricos, mas também deve, em relação a condição juvenil, “considerá-la como diversidade”. Isto pressupõe, muitas vezes, buscar alternativas, inclusive metodológicas, que rompam com alguns dogmas. Frente a isso e situando nossa fala na contemporaneidade, partimos desta revisão para configurar o panorama atual da condição juvenil e da nossa proposta de metodologia para sua análise.

Novo panorama das metodologias aplicadas ao estudo das juventudes.

Os estudos sobre as juventudes ganharam status dentro das abordagens sociológicas e antropológicas, principalmente, em função dos desdobramentos obtidos pelos pioneiros nesses estudos. As diversas tentativas de classificar as juventudes, seja como grupos geracionais ou como classes socialmente identificadas, tiveram sua aplicabilidade e seu entendimento efetivo no contexto histórico em que surgiram. A nova questão dos estudos que guiam as pesquisas sobre juventudes hoje, deixou de ser “quem são os jovens?”, para ser “que sentidos as juventudes produzem?” (CORDEIRO, 2009, p.58). Essa definição, que promove um salto teórico importante, mostra que o foco das pesquisas se transfere para a identificação a partir da expressão, Canevacci (2005) quando apresenta o conceito dos “jovens intermináveis”, para o autor

[...] uma dilatação do conceito de jovem, virando do avesso as categorias que fixavam faixas etárias definidas e claras passagens geracionais. [...] partindo da seguinte proposição: os jovens são intermináveis. Isso não deve ser entendido – obviamente - no sentido que são eliminados⁵, pelo contrário: no sentido de que os jovens não acabaram. Que podem não se acabar. Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da autopercepção enquanto jovem sem limites de idade definidos e

⁵ O termo usado pelo autor é “sterminati” que em italiano pode ser lido como “exterminados” ou , a exemplo deste caso, “intermináveis”. (N.T.)



objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades. E nasce a antropologia da juventude. (CANEVACCI, 2005, p.28-29).

São essas as definições do nosso paradigma dos estudos em juventudes. Não há mais uma referência sólida ancorada na geração ou na condição biológica, não há nem a obrigação em se buscar essa referência. Os estudos sobre as juventudes passam, de fato, a aceitar essa pluralidade como maneira de interpretação e não mais uma inconveniência ao processo de pesquisa. A antropologia da juventude apresentada pelo autor mostra também que o estudo se dirige agora para as práticas destes indivíduos, suas experimentações, expressões, subjetividades e relações. A trajetória dos estudos sobre juventude faz agora uma curva de ajuste, toma uma nova direção. O novo panorama dos estudos sobre as juventudes se dá em uma sociedade que

[...] se ara como nenhuma sociedade anterior. Seu progresso tecnocientífico minou tudo aquilo que pareceu ser natural: relações estabelecidas de trabalho, de propriedade e patrimoniais, hábitos superados, rituais, fundamentações de crenças, ritmos e extensões de vida comuns, velocidade, formas de pensamento e de percepção. Nada é óbvio mais. Somente o inconstante se tornou constante: o estado de uma inquietude geral, de excitação, de efervescência. (TÜRCKE, 2010, p.9)

Há uma confluência entre a percepção das pesquisas sobre juventude e a própria configuração da sociedade. E são as tecnologias, principalmente as da informação e da comunicação, que são as ferramentas-ambiente⁶ principais nas análises sobre o comportamento juvenil. As inter-relações entre as produções culturais e as juventudes são inúmeras, assim como os exemplos de abordagens de pesquisa sobre o tema. Lima (2002), ao pesquisar um agrupamento juvenil da cidade de Salvador-BA, mostra com propriedade essa transição pela qual passam as pesquisas, pois mesmo após identificar historicamente as definições sociológicas de juventude, tanto a vertente geracional quanto a classista, opta por se guiar através da análise da interação do agrupamento juvenil com a produção musical, pois

Ao propor refletir sobre a idéia de juventude através de sua relação com a música, necessariamente, não desprezo temas ou questões como trabalho, educação, violência ou criminalidade. Observo, entretanto, que a despeito da importância de se pensar a relação entre juventude e estes temas citados, tal proposição acaba sempre repondo a idéia de juventude e a **experiência juvenil** no nível da falta de sentido em

⁶ Esta visão as tecnologias se aplica principalmente à Internet, que segundo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011), podem servir ora como aparato da técnica ora como o próprio ambiente condicionante à realização de uma atividade.



relação à sociedade civil organizada ou a estruturas sociais hegemônicas. (LIMA, 2002, p.86. grifo nosso).

O autor mostra a importância de se caracterizar o estudo como um estudo da condição, mas também, e com ênfase, no estudo da experiência juvenil. Isso nos compele a dizer que o leque de análise se abre de forma definidora: pesquisar juventudes a partir do ente “jovem” pode ser pesquisar juventudes a partir das produções, coletivas ou individuais, de agrupamentos juvenis, não cabendo aqui as margens definidoras de idade, corpo, condição social, etnia etc. A imposição de que a violência ou a marginalidade seriam órbitas obrigatórias para as pesquisas sobre juventudes foram superadas, pois, mesmo que a pesquisa sobre juventudes encontre nesses temas sua fonte histórica, prender-se a eles seria vender-se às demonstrações culturais dos jovens na atualidade.

Experimentações na pesquisa sobre juventude: propostas metodológicas

Como definições iniciais de uma proposta metodológica, consideramos abordar os conceitos de “sujeito” e “objeto” como forma de definir a aplicabilidade da proposição frente às interpretações obtidas anteriormente ao falarmos de juventudes. A condição de “sujeito” tem a primazia sobre o “objeto”, ou seja, a capacidade humana de pensar, avaliar e estabelecer relações entre determinados elementos é a fonte principal de análise, é, portanto nosso alvo de pesquisa. Sendo assim, a proposta metodológica que aqui apresentamos tem, portanto, uma inegável inclinação racionalista, do ponto de vista epistemológico. Sendo assim, as análises decorrentes da aplicação de um método de pesquisa sobre as produções juvenis se centram nas atividades produzidas pelo “sujeito” jovem.

Ainda é válido mostrar o caráter construcionista das abordagens sobre juventudes, inclusive das novas perspectivas por nós percebidas. Se a relação entre a produção cultural juvenil e as juventudes constitui um campo de análise, de certa forma ainda em fase inicial, as compilações e explicações sobre este campo parecem se mostrar tal qual a ótica do construcionismo prega, a linguagem (no caso, as definições, bases teóricas e argumentos) utilizada pelo pesquisador, além de sua constituição, sua condição social, são também margens definidoras e partes integrantes do processo de pesquisa. E, buscando mais um parâmetro para a proposta aqui apresentada, definimos a antropologia como o campo teórico que melhor apreende as discussões sobre as produções juvenis, assim como sinalizado anteriormente nas leituras de Canevacci (2005). Dentro desse campo, a etnografia, por sua vez, mostra-se mais proveitosa.



A etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças (ANGROSINO, 2009, p.30). A escolha da etnografia se dá pela recente aplicação deste ramo da ciência em pesquisas sobre produção cultural no ambiente virtual. A produção juvenil, como dissemos anteriormente, tem implícita relação com as tecnologias da informação e comunicação (TIC). Os conteúdos, músicas, textos, vídeos, estão em blogs, vlogs⁷, páginas de relacionamento, músicas, jogos etc. A etnografia quando aplicada ao ambiente virtual é alvo de inúmeros estudos, atualmente.

A transposição do método, a partir da década de 1990, gerou inúmeros debates. Muitos antropólogos e cientistas sociais mais ortodoxos não aceitam a proposição (KOZINETS, 2010). Os pontos-base de argumentação se fixam nos conceitos de deslocamento e estranhamento. Para alguns autores, os questionamentos - qual o deslocamento que há em acessar um site ou chat? e que tipo de estranhamento pode ser analisado em uma relação “fria” entre homens e máquinas? - se colocam no caminho de quem pretende transpor a etnografia para o ambiente virtual. Há, entretanto, um inegável e evidente movimento que, inclusive, cria novas terminologias para essas “variações” da etnografia clássica: netnografia, etnografia digital, webnografia e ciberantropologia são algumas das nomenclaturas encontradas nas já existentes obras sobre a área.

Autores como Kozinets (2010) questionam a “confusão epistemológica” e política – no âmbito das publicações acadêmicas – gerada por esses múltiplos termos. Afirmando que essas distinções não são necessárias e tendem a gerar padrões que dificultam avaliação dos resultados obtidos com as pesquisas. Adotamos a netnografia como recurso epistemológico para definir a etnografia virtual. Nossa escolha se embasa na clareza apresentada por autores como o próprio Kozinets (2010) e Hine (2009) que defendem o uso deste termo como uma proposta de investigação na internet.

Nós entendemos que o enfoque de melhoramento social apontado a partir da indicação dos autores, é mais do que somente uma escolha metodológica. Sendo assim após escolha da abordagem requer-se também um uso consciente e direcionado, para que a pesquisa tenha de fato caráter legítimo de instrumento de produção de conhecimento e transformação social. Após a definição, deve-se entender as fases da netnografia enquanto técnica de pesquisa, ou seja, a observação e o processo

⁷ O termo vlog surge para definir uma modalidade do “diário virtual” iniciado com os Blogs. Sendo o próprio termo uma fusão de Vídeo + Blog.



interpretativo no campo. As fases, em um modelo sugerido e com base no apresentado por Fragoso, Recuero e Amaral (2010), são definidas em:

1ª fase – Fase de observação: entrar em contato com o grupo: nesta fase examina-se atentamente a infraestrutura social e técnica do grupo pretendido e o que o circunda. É o que Kozinets (2010) chama de *entrée cultural*

2ª fase – Fase emotiva: nesta fase, o pesquisador coloca seus apontamentos e impressões, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2010), funcionando como uma espécie de *cartase*⁸.

3ª fase – Fase empírica: funciona como o momento de coleta de dados, é um trabalho de arquivamento e fichamento de material textual ou audiovisual

4ª fase – Fase reflexiva e analítica: momento em que o pesquisador percebe as categorias e padrões recorrentes no objeto ou sujeitos estudados. Neste momento, Fragoso, Recuero e Amaral (2010), além de autores como Ward (2006) e Amaral (2009), sugerem o uso de ferramentas como blogs, por exemplo, como o próprio diário de campo e ferramenta de coleta de dados a partir de *feedbacks* com os participantes da pesquisa.

5ª fase – Fase de contextualização: nesta última etapa, o pesquisador deve entender que a observação solitária não faz parte do novo pensamento em etnografia. Os autores, como Lago (2007), são categóricos ao afirmar que os intercâmbios e trocas culturais devem fazer parte da proposta de pesquisa. Então, como forma de finalizar os trabalhos de pesquisa, os resultados devem ser socializados e, inclusive, (re)discutidos com o agrupamento pesquisado.

As adaptações que este modelo proposto ainda precisam se consolidar como possibilidade de recurso metodológico, não só nas pesquisas sobre juventudes conectadas, mas em outros âmbitos da pesquisa em Ciências Sociais. Porém, como defendido por Fragoso, Recuero e Amaral (2010), esta nova abordagem opera positivamente em níveis macro, micro e mezzo. Em nível macro há a amplificação das teorias, o que proporciona discussões interdisciplinares e epistemológicas, em nível médio, a própria elaboração de um design de pesquisa de campo (como as fases propostas) e as estratégias de construção de campo mostram possíveis avanços nas pesquisas, e já em relação ao nível micro a crescente utilização dos próprios recursos,

⁸ Sob a ótica da psicologia, catarse é o experimentar da liberdade em relação a alguma situação opressora, tanto as psicológicas quanto as quotidianas, através de uma resolução que se apresente de forma eficaz o suficiente para que tal ocorra.



tecnologias e aplicativos encontrados na web não apenas como “elementos a serem observados ou analisados” nem enquanto amostra, mas sim como ferramentas metodológicas já nos mostram que o caminho consiste em transpor os limites e experimentar, assim como já o faz as juventudes, objetos de nossa pesquisa.

Considerações

A proposta de iniciar-se em pesquisas traz, de maneira inerente, a sensação de que algo deslocado precisa ser conduzido a um eixo, a uma ordem, própria da classificação, da verificação e, portanto, da análise. Em diversas abordagens este movimento não provoca o estranhamento que foi o motivador deste trabalho. Verificar que existe uma necessidade de releitura das teorias e metodologias aplicadas aos estudos culturais, no que toca a juventudes, não foi só a provocação inicial deste artigo, mas sim sua própria razão. As dificuldades de transpor as barreiras presentes nas concepções já estabelecidas sobre as juventudes são notórias. Elas estão nos discursos midiáticos, no comportamento urbano, na propaganda comercial.

Mas, na da perspectiva histórica, é na academia que se traduzem os sentimentos de vanguarda, as aspirações de mudança e principalmente os ideais de transformação. Pesquisar as juventudes sem o cuidado de, antes de classificá-las, entendê-las, é, antes de tudo, não compreender a necessidade de se abrir ao desconhecido. Faz-se necessário entender que

O método de pesquisa aqui proposto é inicial, e, portanto, poderá (e potencialmente, deverá) passar por diversas transformações. Da fase inicial da pesquisa, com a revisão das diversas classificações de juventude, até a leitura das obras mais recentes acerca do tema, acreditamos sempre que “o jovem não se resume a uma juventude-modelo. Ao olhar em direção a suas experiências, fluem os afetos, os temores, meus e dos jovens pesquisados.” (Cordeiro, 2009). O que buscamos, na verdade, não é um ajuste forçado ou um encaixe simulado, mas sim uma compreensão da dimensão infinita que é ser jovem.

As constatações obtidas com a revisão bibliográfica dão vazão a interpretações variadas sobre muitos discursos direcionados à juventude. A configuração histórica do conceito de juventude permitiu a rotulação fácil do jovem como ser propenso a comportamentos instáveis, também embasou a premissa de que uma educação para a juventude precisa se fundar em valores cívicos como forma de evitar essa “má direção natural” que a condição juvenil traria. Nosso olhar, entretanto, não deixa de se colocar também nas estratégias utilizadas pela Indústria Cultural para moldar as juventudes



como massa consumidora, processo que foi garantido pela participação inequívoca dos meios de comunicação, que ajudaram a criar, um discurso consumista, baseado nas especificidades próprias das juventudes.

Ter uma calça é pertencer a um grupo, ouvir uma música é estar “antenado” com seu tempo, as propostas de slogan das diversas empresas que se dedicam a produzir para as juventudes já realçam as constatações de teóricos que percebiam ainda no século passado que a condição juvenil era, potencialmente, o objeto mais cobiçado. Queremos ser jovens, almejamos com afincamento a possibilidade de permanecer reconhecidos como indivíduos atemporais. Jon Savage (2007, p.498), expõe que a juventude representa, e, mais ainda, encarna uma combinação psíquica perfeita: vive no agora, busca o prazer, é faminta por produtos, enfim, personifica a sociedade global onde a inclusão social é concedida pelo poder de compra.

A busca pela trajetória dos estudos sobre as juventudes traz também, como espécie de bagagem inesperada, uma possibilidade de análise da construção social feita sobre elementos menos perceptíveis, mas não desimportantes, como a abordagem educacional transferida nos discursos aplicados aos grupos juvenis e as formas de controle exercidas por esses discursos. Mais do que isso, todo o caráter metalingüístico deste trabalho, mostra que o esforço de pesquisar as juventudes traduz-se na aventura de voltar-se à observação da sociedade como um todo. A premissa de buscar uma metodologia alternativa para a leitura dos processos e fenômenos ligados a condição juvenil é algo que, para nós, atravessa de forma pungente todas as classificações e pré-conhecimentos que antes tínhamos.

REFERÊNCIAS

- CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- COMENIUS. **Didática magna.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORDEIRO, D. **Juventude nas sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades.** Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.
- HALL, S. **Adolescence.** New York: Appleton, 1925.
- HOBBSAWN, E. Revolução Cultural. In: **Era dos extremos: o breve século XX -1914-91.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego.** 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.



LEVI, G; SCHMITT, J. **História dos jovens:** Da antiguidade à era moderna. Tradução de Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MACHADO, José Pais. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

SAVAGE, J. **A criação da juventude:** como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Tradução de Talita M. Rodrigues – Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCHNAPP, A. **A imagem dos jovens na cidade grega.** Tradução de Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, V; COUTO, E. **Juventudes Conectadas:** Tecnologias digitais e tribos urbanas no contexto escolar. In: 33ª Reunião da ANPED, GT 16 – Educação e Comunicação – Caxambu-MG, 2010.